

HIGIENE DO ENSINO

OTAVIO LOBO

Não sei si, atualmente, o desamor da mocidade ás letras e ás artes, é um fenomeno brasileiro.

Pode ser até um sinal dos tempos. E o é.

O cidadão que, após um *raid* de dez a doze anos, em ginasio e academia, ingressa na vida pratica, vem, ás vezes, com o cerebro virgem a certas disciplinas e na innocencia batismal da responsabilidade.

E' um moço que traz a armadura do titulo. Só.

O canudo, parece, lhe resguarda do menor sopro de brisa, a poeira de cultura que se lhe foi justapondo naqueles anos de lida: o pó da caminhada. E' a aprendizagem de ouvir dizer, de aulas mastigadas, de conferencias e discursos — verdadeiros atentados á paciencia humana. E o jornal lhe resolve, com o ultimo artigo e o ultimo escandalo, a razão filosofica da crise social e a razão canônica da moral nova.

E o radio lhe grita, chiando das cinco partes do mundo, ciencia barata...

Enfim, dez anos de cidade, uma decada de escutar, dois lustros de atrito fazem de qualquer mortal, um homem maneiroso, indumentado, polido mesmo como um calhão de riacho que sofreu tambem o vasculho das aguas.

Afranio Peixoto acha que se deviam riscar das humanidades o grego e o latim.

Dentro dessas razões, tem razão. Consideremos: Linguas mortas, exumar esses tesouros classicos é um pleonasmio de esforço, na vertigem da época. Todos os antigos podem ser lidos, comodamente, em vernáculo. Esticando esta lei de menor esforço, o alemão pode ser amputado: Dificil e contrario ao genio das linguas neolatinas, desapertamos para os tradutores espanhóis. O inglês, não dou muito, terá o mesmo encalhe. Isso no setor das linguas.

Depois vem a fisico-quimica que, na dissipação atual, exige um pouco de concentração nas experiencias de laborato-

rios. Aparece a matematica que requer, no barulho da cidade, o silencio do calculo.

E a biologia e a historia e a filosofia e mais toda sapiencia escrita em programas, tudo para ser assimilado no redemoinho de mil solicitações da vida atual.

Pois contra toda essa casta ingenua de titulados, levantou-se uma celeuma gritando socorro de regeneração e moralidade.

Não estou de acôrdo.

Contra a lagarta rosada das escolas e o mosaico das academias não é preciso o expurgo nem o incendio. O remedio é deixá-los crescer. No ponto em que está o problema toda moralidade seria imoral, isto é, iniqua, revoltante, pessoal, privilegiada. Eu sei como são as cousas. Aqui uma rosca apertaria, ali a outra desacoitava. A tèmpera de aço de muito examinador cederia afinal ao martelo dos pistolões... E os menos protegidos que são, ás vezes, os mais preparados, seriam barrados no filtro moralizador entupido da borra dos incompetentes.

Demais, toda profilaxia unilateral é anti-cientifica.

Nas escolas, ginásios, colegios, academias, polúlam professores que são o exemplo vivo da incapacidade e o padrão da inconciencia.

A uns falta-lhes a cultura no mastigado das exposições. A outros, a ausencia do sentimento do dever, na negligencia do ensino. Muitos mecanisam o ensino, como maquinas falantes; o disco gira até o fim.

Não possuem nem a alma nem o amor á profissão.

O espirito do professor é a vocação. Quando esta falha, os professores são mummies ou fosseis saídos do silencio religioso dos museus para o ridiculo vivo dos anfiteatros. Higienizar mazelas é o mesmo que fazer profilaxia de doença. Ou tudo ou nada.